

## **A FUNÇÃO DOS EXORCISMOS NO EVANGELHO SEGUNDO MARCOS**

*Aíla L. Pinheiro de Andrade\**

*Davi Daniel Barbosa\*\**

### **Resumo**

Tornou-se corriqueiro nos dias atuais a exibição de exorcismos em programas televisivos. Este artigo analisa alguns exorcismos realizados por Jesus para melhor compreender esta questão. O estudo de algumas perícopes do Evangelho segundo Marcos mostrará se as manifestações demoníacas veiculadas nos programas de TV estão de acordo com a prática de Jesus ou se são frutos do horizonte pós-moderno. Embora, em muitos aspectos, a cosmovisão atual coincida com o contexto cultural do primeiro século, os relatos marcanos sobre exorcismos estão vinculados principalmente ao anúncio do Reino de Deus e seus efeitos na vida humana.

**Palavras-chave:** *Exorcismo. Reino de Deus. Evangelização dos povos. Plenitude dos tempos.*

### **Abstract**

*It has become usual nowadays to exhibit exorcisms on television shows. This article analyzes some exorcisms performed by Jesus to better understand this question. The study of some passages of the Gospel according to Mark will show whether demonic manifestations broadcast on TV programs are in accordance with Jesus' practice or whether they are fruit of the postmodern horizon. Although in many aspects the current worldview coincides with the cultural context of the first century, Mark's accounts of exorcisms are linked primarily to the proclamation of the Kingdom of God and its effects on human life.*

**Keywords:** *Exorcism. Kingdom of God. Evangelization. Fulness of the Time.*

\* Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), membro do Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

\*\* Bacharel e Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

## Introdução

A Modernidade, com o advento das descobertas científicas, provocou uma desconfiança na religião, que resultou na indiferença religiosa e no ateísmo. O momento histórico atual se manifesta, em geral, como movimento em direção ao extremo contrário ao da racionalidade cientificista moderna que marcou a época anterior. Hoje a maioria das pessoas vive uma fé superficial sem o crivo da razão. Por isso estamos em uma época marcada por forte misticismo com enfoques sobre anjos e demônios, teologias neopentecostais da prosperidade e apocalípcismo catastrófico com teorias sobre o fim do mundo. Um cristianismo desse tipo não responderá aos desafios do mundo atual marcado por guerras, terrorismo, fanatismo e fundamentalismo religioso, exclusões, intolerâncias de diversos tipos, corrupção política e outras tantas formas de manifestação do mal.

## O contexto do Novo Testamento e a luta contra o mal

Foi num contexto histórico semelhante ao nosso, com guerras, altos impostos, miséria e todo tipo de desrespeito ao ser humano em um mundo sob o Império Romano<sup>1</sup>, ambiente de grandes expressões do mal, e numa demora da parusia, que o Novo Testamento se pronunciou sobre a força do Reino de Deus presente em Jesus e naqueles que o seguem, e que vence o mal em suas diversas manifestações.

O ponto de partida teológico da reflexão neotestamentária foi herdado do Antigo Testamento: a fé monoteísta. O mal não pode ser eterno, e terá um fim, porque só há um Deus. Portanto, apesar de sofrer a influência do dualismo do Oriente e do Ocidente, que tratam as expressões do mal, como diabos, demônios ou espíritos impuros<sup>2</sup>, a reflexão monoteísta das Escrituras defende que essas forças estão sempre subordinadas ao Criador-Libertador e não constituem um poder autônomo e paralelo ao Deus Um<sup>3</sup>.

Essas representações do mal são responsáveis por gerar desgraças físicas, psíquicas, morais e religiosas, as quais tornavam os seres humanos impuros, impedindo o acesso do homem a Deus. Essas figuras entram em cena nos evangelhos

1. Para maiores aprofundamentos sobre estas questões ver a magistral obra de HORSLEY, Richard A. *Jesus e a espiral da violência: resistência judaica popular na Palestina romana*. São Paulo: Paulus, 2010 e *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

2. BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galileia: pesquisa histórica*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 235. Impureza, no sentido bíblico, é tudo que está em contraste com o reino do “Santo” ou do “Puro”, que é Deus. Esses espíritos destrutivos são paradigmaticamente impuros, pois se opõem ao propósito divino de vida em plenitude.

3. CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 356.

como responsáveis pelas chamadas “possessões”, nas quais as pessoas não eram mais cientes dos próprios atos, pois tinham sua liberdade comprometida ou limitada, podendo tornar-se porta-voz do obsessivo como vítima indefesa<sup>4</sup>.

### Jesus exorcista nos sinóticos

Os relatos de possessões nos sinóticos estão envoltos numa linguagem mítica, portanto, é necessário um esforço do leitor moderno para entender qual mensagem se quis transmitir com esses relatos<sup>5</sup>.

A moderna pesquisa sobre o Jesus histórico tem questionado muitas afirmações dos evangelhos. Em geral, para os exegetas liberais, o Jesus histórico não fez exorcismos, visto que a razão moderna não aceita a existência de demônios; portanto, a comunidade posterior é que teria projetado mitos sobre a vida terrestre de Jesus<sup>6</sup>. Contudo, nem mesmo Rudolf Bultmann (1884-1976) ou Martin Dibelius (1883-1947) colocaram em questão a atividade exorcista de Jesus, porque esta prática fazia parte de sua pregação sobre o Reino de Deus<sup>7</sup>. Numa época em que era corrente acreditar que demônios ou espíritos impuros podiam possuir e controlar uma pessoa, o Reino de Deus seria a era na qual o Espírito Santo, ou poder de Deus, seria derramado sobre todas as pessoas (Jl 2,28-29; At 2,16-18). Deus então assumiria o controle da situação e poderia inspirar o homem a agir como um profeta (porta-voz) em palavras e ações. Jesus expulsava demônios pelo poder de Deus, isto significa que o Reino chegou (cf. Mt 12,27-28). Ou seja, o poder de Deus contra os demônios era a prova de que a era esperada já havia atingido os ouvintes de Jesus; os exorcismos provavam que a plenitude dos tempos tinha chegado, o Reino escatológico já estava presente<sup>8</sup>.

Jesus considerou seus exorcismos não simplesmente como curas de pessoas mentalmente enfermas, não meramente como expulsão de demônios; não apenas como uma vitória sobre satanás, mas como uma sujeição dos poderes do mal a ser realizada no final dos tempos... As ações poderosas de Jesus foram fundamentais, aos seus próprios olhos, como os prodígios do Êxodo, anunciando da mesma forma uma nova era<sup>9</sup>.

4. BARBAGLIO, Giuseppe et al. *Os Evangelhos*, I. São Paulo: Loyola, 2014, p. 477.

5. SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 246.

6. TILLESSE, Caetano Minette. Jesus, Adão celeste escatológico nos quatro evangelhos. In: *Revista Bíblica Brasileira*, ano 22, número especial, 2005, p. 105.

7. DUNN, James D.G. *Jesus y el Espíritu*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1981, p. 85-86.

8. DUNN, *Jesús y el Espíritu*, p. 92.

9. DUNN, *Jesús y el Espíritu*, p. 92-93, tradução nossa.

### Jesus exorcista no Evangelho segundo Marcos

Em Marcos, o primeiro evangelho a ser escrito<sup>10</sup>, afirma-se, logo no início, que Jesus foi levado ao deserto para ser tentado por satanás. Dessa forma a comunidade de Marcos demonstra sua fé no Ressuscitado vitorioso contra o mal, numa visão antecipada da luta escatológica e da aurora da plenitude (Mc 1,12-13). Além disso, Marcos quer esclarecer ao leitor que o ministério de Jesus é caracterizado como uma luta incessante contra o mal<sup>11</sup>.

Há várias citações demonstrando a atividade exorcista e terapêutica de Jesus no Evangelho segundo Marcos, mas analisaremos as quatro narrativas que descrevem, em maiores detalhes<sup>12</sup>, os propósitos dos exorcismos realizados por Jesus.

#### 1. Na sinagoga de Cafarnaum (Mc 1,23-28)

A primeira aparição e atividade pública de Jesus acontecem na Galileia. É na sinagoga de Cafarnaum que Ele inicia seu ministério por meio do ensino e de um exorcismo. A narrativa é envolvente: estando Jesus a ensinar na sinagoga, veio até Ele um homem com um espírito impuro, gritando a identidade de Jesus, mas ao seu comando peremptório este o silenciou e o expulsou daquele homem. O povo ficou maravilhado com este ensinamento novo com autoridade (não como o dos escribas), que fazia os espíritos impuros obedecerem ao seu comando. E imediatamente a notícia do ensinamento e da ação de Jesus na sinagoga se espalhou por toda a Galileia.

Essa perícope, no Evangelho segundo Marcos, tem um caráter programático. Isto significa que as principais características e temas presentes em Mc 1,21-28 são encontrados ao longo do ministério de Jesus narrado nesse evangelho.

A primeira parte do Evangelho segundo Marcos<sup>13</sup> é caracterizada pelo problema da identidade de Jesus por parte dos personagens; enquanto que, por parte de Jesus, há uma revelação progressiva de sua identidade messiânica através

10. BARBAGLIO, *Os Evangelhos*, I, p. 428.

11. TILLESSE, Jesus, Adão celeste escatológico nos quatro evangelhos, p. 105.

12. GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 80-108.

13. De acordo com sua estrutura literária e teológica, o Evangelho de Marcos começa com uma introdução (1,1-13), depois é dividido em duas partes principais: 1,14-8,26 e 8,27-16,8; ambas são subdividas em outras três unidades menores. A primeira parte é subdividida em três seções: 1,14-3,6; 3,7-6,6a; 6,6b-8,26. Enquanto a segunda parte também é subdividida em três seções: 8,27-10,52; 11,1-13,37; 14,1-16,8. Com base nessa estrutura, vê-se que 8,27-30 tem papel central de um díptico, ou seja, constitui a transição da primeira para a segunda parte com a pergunta cristológica, a confissão de Pedro e a injunção de silêncio, seguidos pelo anúncio da Paixão (8,31-33). BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico III: Evangelhos e Atos, Cartas e Apocalipse*. São Paulo: Loyola, 2001, 3. ed., p. 45.

de sua atividade pública. A segunda parte do evangelho é assinalada pela Paixão, com a identidade de Jesus sendo revelada através do mistério do messias crucificado.

O relato sobre o exorcismo na sinagoga de Cafarnaum está dentro da primeira parte do Evangelho segundo Marcos, e de sua primeira seção (1,14–3,6), na qual o ministério de Jesus é caracterizado por uma autoridade que é extraordinária e única (1,22.27; 2,7.28). No relato do exorcismo na sinagoga se pode ver claramente que o v. 25 é o centro da perícopes, quando se afirma que Jesus repreende e ordena o espírito impuro. O relato pode ser dividido em três partes temáticas: a) o ensinamento de Jesus (v. 21-22); b) a expulsão de um espírito impuro (v. 23-26); c) as reações à atividade de Jesus (v. 27-28).

Nessa passagem o ensino é a principal atividade de Jesus. Em todos os sinóticos, o povo (ou a multidão) se maravilhou com a autoridade divina com a qual Jesus ensinava. No entanto, na narrativa de Marcos, além de sua atividade de ensino, Jesus também realizou uma ação exorcista. De fato, é a ação exorcista de Jesus o que distingue a perícopes de Marcos dos outros dois sinóticos. Em Marcos se vinculam a palavra e o ato de Jesus (ensino e exorcismo) na mesma narrativa<sup>14</sup>.

A ordem simples e com autoridade de Jesus, que expulsou um espírito impuro de um homem na sinagoga, levantou a questão cristológica sobre a identidade dele. Por um lado, o espírito impuro revela o nome de Jesus, sua origem e sua verdadeira identidade (1,24), da qual Jesus não demora a silenciá-lo. Por outro lado, os espectadores questionaram entre si sobre a autoridade de sua palavra e ação: que Ele ensina com autoridade, dá ordem aos demônios e eles o obedecem.

A pergunta cristológica, colocada pelo relato, permaneceu sem resposta entre os personagens da narrativa evangélica até que o centurião deu a resposta correta, após a morte de Jesus na cruz (15,39). Portanto, mais que um exorcismo, a perícopes analisada quer introduzir a questão cristológica a respeito de Jesus, a qual seguirá até o final do evangelho com o messias crucificado. O Filho do Homem crucificado e ressuscitado instaura o Reino de Deus e vence todo o mal. Eis a boa notícia (Mc 1,1).

## **2. Jesus no território gentílico de Gerasa (Mc 5,1-20)**

Trata-se de um tipo divergente de exorcismo da tradição evangélica: o modo de Jesus exorcizar, o lamentável estado do possesso, a perda de um grande número de porcos e o pedido dos habitantes para que Jesus partisse do local.

14. Portanto, a colocação desse relato no início do ministério de Jesus não é fortuita, mas intencional: Mc 1,21-28 tem uma função específica, um propósito programático, de introduzir o ministério de Jesus no Evangelho de Marcos.

Essa perícopete reflete três estágios diferentes de transmissão do evangelho: o exorcismo em um homem com espírito impuro em Gerasa; a reinterpretação desse evento pela comunidade primitiva no horizonte da salvação universal; a redação final sobre o apostolado de um gentio entre seus pares<sup>15</sup>.

*a) o núcleo mais primitivo*

Trata sobre o exorcismo e segue o padrão já empregado em Mc 1,23-28. Os elementos básicos envolvidos são: um homem com espírito imundo; o grito violento contra Jesus indicando a identidade deste; a repreensão de Jesus; a reação do homem com o espírito impuro; o espanto das multidões. Partindo desses elementos e da constatação dos acréscimos redacionais podemos reconstruir o núcleo original:

Jesus e os discípulos foram para o outro lado do Mar da Galileia, para a região de Gerasa, que ficava na Decápole. E encontrou um homem com espírito impuro que vivia entre os sepulcros. Clamando em alta voz, o espírito disse: “Que tens a ver comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Eu te conjuro por Deus, não me atormentes”. Então Jesus lhe disse: “Sai deste homem, espírito impuro”. E o espírito saiu. Havia uma grande manada de porcos que estava se alimentando ali na encosta<sup>16</sup> e os pastores fugiram dali e espalharam a notícia. E as pessoas vieram para ver o que tinha acontecido. E foram ter com Jesus e viram o antigo possesso sentado ali, vestido e em perfeito juízo. Todos ficaram assustados e maravilhados.

*b) a interpretação da comunidade*

A diferença de estilo e de vocabulário, no texto bíblico atual, aponta para uma remodelação do núcleo original apresentado acima. A comunidade dos primórdios procurou atualizar o núcleo mais antigo da narrativa, recorrendo ao Antigo Testamento. O trabalho resultante dessa atividade redacional foi uma nova composição que se acrescentou ao texto original. Há semelhanças notáveis entre Mc 5,3-5 e Is 65,3-4 e também com o SI 68,7.

O texto hebraico do SI 68,7 traz a expressão “os rebeldes moram em uma terra estéril”, que na versão grega da LXX sofreu uma mudança para “moram em sepulcros” (SI 67(68),7). Muito mais impressionante é o paralelo entre Marcos

15. BERGANT; KARRIS. *Comentário Bíblico*, III, p. 54.

16. No núcleo original os demônios não entram nos porcos e estes não se lançam ao mar. O destaque é dado aos pastores que se assustam e divulgam o ocorrido para os habitantes do lugar. A transferência dos demônios para os porcos e a morte destes somente se dá na segunda etapa da narrativa, quando a comunidade interpreta o exorcismo com conotações políticas.

e o texto grego de Is 65,3-4. Este último menciona não apenas os sepulcros, mas também descreve os rebeldes como comedores de porcos e adoradores de demônios:

Este povo insulta continuamente a minha face, sacrificando em jardins e queimando incenso sobre tijolos para demônios que não têm existência. Dorme em sepulcros e grutas com o propósito de terem sonhos. Come carne de porco e o caldo de sacrifícios, todos os seus recipientes litúrgicos estão impuros<sup>17</sup>.

A junção destes três pontos: os comedores de carne de porco, os habitantes de sepulcros e os adoradores de demônios, indicam a dependência do texto de Mc 5,3-5.9.12-13.15b a esses textos do Antigo Testamento.

Na apresentação do texto marcano, o homem com espírito impuro aparece como o representante dos gentios como um todo. De acordo com isto, conclui-se que a visita de Jesus à terra dos gerasenos significa que Deus estendeu suas mãos para libertar os gentios. Nesse sentido, a destruição dos porcos seria o sinal visível que Jesus quebrou o poder dos demônios e triunfou sobre eles. Isto implicava, aos olhos da comunidade, a expansão da salvação instaurada por Jesus. Nesta fase do relato, a abertura dos gentios a Jesus foi repelida temporariamente (Mc 5,17)<sup>18</sup>.

Não podemos deixar de tratar do termo “legião” que identifica os demônios. Como afirma Crossan, não podemos ignorar o simbolismo embutido no relato, pois, se o homem é o representante das nações a serem libertadas por Jesus através da pregação do evangelho aos gentios, o nome do demônio opressor também quer dizer algo:

O demônio é, ao mesmo tempo, um e muitos: o seu nome é Legião, um instrumento e símbolo do poder romano. A presença do imperialismo romano significava que, no nível social, o povo de Deus estava sendo possuído por demônios<sup>19</sup>.

### *c) a redação final do texto*

Nessa fase da redação, Jesus ordena ao ex-possesso que anuncie o que o Senhor fez em favor dele (Mc 5,19). Portanto, a sequência das perícopes em Mc não é uma justaposição acidental de narrativas diferentes. Marcos está seguindo

17. BARBER, Timothy Allen. *Septuaginta (LXX) em português*. V. 2: Ester a Malaquias. Joinville: Clube de Autores, 2016, p. 250.

18. BERGANT; KARRIS. *Comentário Bíblico*, III, p. 54.

19. CROSSAN. *O Jesus histórico*, p. 351-352.

um padrão teológico definido, em 5,1-20 Jesus revela seu poder e vence os demônios; um pagão é enviado a divulgar a boa notícia sobre Jesus no meio gentílico; e finalmente, em 7,24-30, Jesus se dirige para Tiro e Sidônia e encontra-se com a mulher siro-fenícia.

Resumindo este ponto poderíamos dizer que desejando atualizar a dimensão mais profunda de um exorcismo, a comunidade cristã primitiva interpretou o antigo relato como o convite de Jesus à salvação das nações. Finalmente, Marcos avançou para além da concepção da comunidade, fazendo do ex-possesso um apóstolo dos gentios.

### 3. Jesus e a mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30)

Depois de um debate relativamente longo com os fariseus sobre as leis alimentares judaicas, Jesus começa sua viagem ao norte, deixando a Galileia para viajar ao território não judaico. Dessa forma, os leitores de Marcos devem interpretar o pronunciamento de que todos os alimentos são limpos (Mc 7,19b) como um mandato de aceitação dos gentios.

A região ao redor de Tiro, na fronteira norte, antiga terra dos fenícios com uma grande população mista, estava sob a mesma jurisdição de Herodes. Flávio Josefo esclarece que seus habitantes eram inimigos dos judeus (Contra Apion 1.13; Guerras Judaicas 2.478)<sup>20</sup>, com isso Marcos está alertando aos seus leitores que Jesus entrou em território não apenas gentílico, mas também potencialmente hostil.

A fama de Jesus tinha alcançado os gentios e por isso Ele não conseguia ficar no anonimato. Uma mulher “cuja filhinha estava possessa de espírito impuro, tendo ouvido a respeito dele, veio e prostrou-se aos seus pés” (Mc 7,25). Era grega<sup>21</sup>, siro-fenícia de nascimento. A resposta que Jesus deu a ela foi excepcionalmente dura, nenhum outro suplicante do evangelho é tratado dessa maneira. É certo que em algumas passagens bíblicas os adversários da fé ou hereges são chamados “cães” (2Pd 2,22; Fl 3,2; Ap 22,15). E embora Jesus tenha usado o diminutivo “cachorrinhos”, a resposta ainda é dura para quem se prostra diante dele, pois o diminutivo de cães era usado pelos judeus para designar os cães de casa em contraste com os da rua<sup>22</sup>. Em contrapartida, a afirmação sobre Israel como filho de Deus é frequente nas Escrituras (Dt 32,20.43; Sl 82,6; Is 1,1; 17,9; 63,8, Os 11,1).

20. TILLESSE. Jesus, Adão celeste escatológico nos quatro evangelhos, p. 105. Alguns manuscritos do texto marcano adicionam no início da perícopa “e Sidon”, que é bem mais ao norte de Tiro.

21. Um “grego” (usado apenas aqui em Marcos) não significa alguém que é etnicamente grego, mas pode ser usado como um termo genérico para um não judeu. Sugere também alguém que assimilou a cultura e a língua gregas.

22. BERGANT; KARRIS. *Comentário Bíblico*, III, p. 57.

Além disso, o pão mencionado na resposta de Jesus parece não ter nenhuma conexão com o pedido, implícito, da mulher que é presumivelmente um pedido de exorcismo. Mas se observarmos como Marcos está desenvolvendo a narrativa pode-se perceber uma conexão. A perícopes que ora analisamos está entre duas multiplicações dos pães: Mc 6,30-44 (para judeus) e Mc 8,1-10 (para gentios). A terminologia “pão”, “comer” e “ser satisfeito” aparece em ambas narrativas da multiplicação (6,42; 8,2). Seu uso aqui ecoa a primeira narrativa e prefigura o subsequente. Inclusive, a resposta da mulher confirmará isto, a “alimentar/comer” aqui serve como uma metáfora para uma dimensão mais ampla da aceitação do outro e uma reivindicação de direito aos benefícios de Deus. A mulher responde à metáfora insultante de Jesus com uma contrametáfora, comparando-se (e implicitamente os gentios) com os animais domésticos que nos costumes “gregos” estavam frequentemente presentes nas refeições<sup>23</sup>.

A restauração da saúde da filha da mulher siro-fenícia tem características formais tanto de um exorcismo como de uma controvérsia. Uma pessoa em necessidade confronta Jesus com um pedido seguido de uma descrição da doença ou necessidade (7,24). Mas a história se interrompe e continua com um debate entre Jesus e a mulher sobre a sua ajuda ou não aos gentios. A resposta da mulher adapta a metáfora de Jesus à sua própria situação. Em contraste com a declaração de “justiça”<sup>24</sup> de Jesus, a mulher evoca o costume das crianças gentias de alimentarem os cachorros. Sua metáfora contrapõe o direito exclusivo dos filhos à comida pela imagem das crianças que compartilham seus alimentos, mesmo com os cachorros. Assim como a resposta inicial de Jesus é excepcionalmente dura, a resposta da mulher é o único lugar onde Jesus é “superado” numa réplica. E é exatamente por isso que Jesus realiza o exorcismo, isto é, a mulher somente é atendida depois que venceu Jesus: “Por causa desta palavra, podes ir; o demônio já saiu de tua filha” (v. 29).

Quando consideramos a intertextualidade, notamos que a perícopes marcana tem ecos do ciclo narrativo Elias-Eliseu. A narrativa inicial do drama de Elias ocorre em Sarepta (1Rs 17,8-24), uma cidade que “pertence a Sídon” (1Rs 17,8; cf. Mc 7,24). Ali acontece uma alimentação milagrosa. Mais tarde o filho da mulher adoece e morre e a mulher confronta o profeta 1Rs 17,18. Há também ecos de uma história semelhante no drama de Eliseu, a restauração da vida do filho da mulher sunamita (2Rs 4,18-37). A sunamita manifesta a mesma iniciativa e preocupação persistente que a mulher siro-fenícia (2Rs 4,28-31). A narrativa sobre Eliseu é seguida logo depois por um relato de uma alimentação milagrosa (2Rs 4,38-44), análogo ao que acontece no Evangelho segundo Marcos. Esses ecos das narrativas de Elias-Eliseu fundamentam, no ministério de Jesus, a missão da Igreja às “nações”.

23. BERGANT; KARRIS. *Comentário Bíblico*, III, p. 57.

24. Justiça como ajustamento à Lei ou vontade divina, a qual o judeu se vangloriava de ter.

A narrativa de Mc 7,24-30 retrata uma série de “ultrapassagem de fronteiras”. Jesus deixa a terra tradicional de Israel para ir para a região de Tiro, lugar que os leitores do primeiro século sabiam ser inimigo dos judeus. A mulher atravessa os limites que separam judeus e gentios, e machos e fêmeas. Ela cruza a barreira social entre o pregador itinerante e o nativo do lugar. Ela vence a distância entre o puro e o impuro, dos quais as leis alimentares costumavam servir como “marcadores de fronteiras” entre judeus e gentios. A libertação do mal que foi prometida aos “filhos” deve agora ser disponibilizada para os não judeus.

#### 4. Jesus e o exorcismo em um menino (Mc 9,14-27)

A versão marcana desse relato é famosa por sua complexidade: os discípulos estão presentes na primeira parte da narrativa (v. 14-19) e depois desaparecem na segunda parte do relato para dar lugar ao pai do menino (v. 21-27); a doença é descrita duas vezes pelo pai (v. 18 e 22); a multidão faz duas entradas (v. 14 e 25); a enfermidade do menino tem os traços de uma epilepsia, mas Jesus expulsa um espírito surdo-mudo (v. 18.20.22 e 25).

É necessário reconhecer que essa complexidade resulta do fato de que a narrativa pré-marcana foi modificada pelo evangelista com o objetivo de dar uma conotação mais ampla ao relato da tradição oral sobre o exorcismo<sup>25</sup>. O texto marcado está inserido entre a Transfiguração (9,2-10), seguida da instrução sobre a vinda de Elias (9,11-13); e o segundo anúncio da Paixão (9,30-32), acompanhado da discussão sobre quem é o maior (9,33-37). Isso significa que Marcos inclui a perícopé sobre o exorcismo entre a revelação de quem é Jesus (o transfigurado é o crucificado) e a incompreensão dos discípulos consequente de suas pretensões de obtenção do poder político.

À exceção do v. 26, a narrativa segue um padrão comum de exorcismos encontrado nos outros textos. Não há dúvida de que Marcos quis dar uma ênfase à questão da fé/oração.

Primeiramente, o fracasso dos discípulos e o ataque do demônio criam uma sensação intensa do poder de Jesus. Marcos teria mostrado o fracasso dos discípulos em um texto sobre exorcismo para destacar o significado do discipulado vinculado à compreensão sobre a identidade de Jesus. O relatório do pai, sobre o pedido que havia feito anteriormente aos discípulos que expulsassem o

25. BERGANT; KARRIS. *Comentário Bíblico*, III, p. 60.

demônio, pressupõe uma ocasião em que Jesus estava ausente<sup>26</sup>. Isto significa que a força motriz do texto marcano é principalmente o exercício do discipulado na comunidade pós-pascal. Quando Jesus denuncia a falta de fé, nos perguntamos a quem essa observação é dirigida, se aos contemporâneos de Jesus em geral, aos discípulos ou ao pai do menino. O problema é que a frase não é clara no contexto narrativo. A conversa de Jesus com o pai (v. 21-24) tem por objetivo levar o leitor marcano a tomar consciência de que a fé em Jesus torna todas as coisas possíveis. Obviamente o contraste entre o fracasso dos discípulos e o sucesso do Mestre, unido à transfiguração e o menino epiléptico, ressaltam a natureza transcendente de Jesus.

Mas o relato vai além. A pergunta dos discípulos sobre o seu fracasso traz algo inusitado. Já não se trata mais da falta de fé, mas de oração (v. 29)<sup>27</sup>. O problema com esta resposta é que ela não se encaixa no contexto narrativo, não há nada sobre a oração nos relatos precedentes.

O relato mais antigo tinha fins missionários e servia às necessidades da comunidade cristã, trazendo cristãos da imaturidade à maturidade da fé, através da proclamação desse evento. O exorcismo validava a autoridade de Jesus e exigia uma fé mais consistente em sua messianidade.

As primeiras comunidades tinham consciência de que Jesus havia compartilhado sua autoridade com os discípulos que deveriam ajudá-lo a instaurar o Reino de Deus, vencendo todo tipo de mal. A resposta que Jesus dá aos discípulos sobre o motivo do fracasso referindo-se à oração é uma adição redacional e, provavelmente, surgiu a partir da necessidade de explicar por que alguns cristãos contemporâneos de Marcos experimentaram um fracasso como exorcistas e como poderiam evitar que isso acontecesse novamente. Marcos alerta aos exorcistas cristãos que confiem no poder de Jesus através da oração.

### **Considerações finais**

A função dos exorcismos no Evangelho segundo Marcos não é destacar o extraordinário combate de forças espirituais poderosas, como se manifesta no imaginário de muitas pessoas na Pós-modernidade. Mais que meramente expulsão de demônios, ou vitórias sobre satanás, os exorcismos praticados por Jesus não podem ser desvinculados da proclamação sobre a instauração do Reino de Deus.

26. BERGANT; KARRIS. *Comentário Bíblico*, III, p. 61.

27. O termo “jejum” foi acrescentado por um copista posterior.

O primeiro relato marcano de exorcismo tem a função de ser um programa do evangelho inteiro: a autoridade de Jesus sobre os espíritos impuros coloca a questão sobre sua verdadeira identidade, tema central de Marcos. Jesus é o crucificado e ressuscitado que instaura a soberania divina no mundo dominado pelo Império Romano. Nesse sentido, o demônio pode ser um instrumento e símbolo do poder político desumanizante e o exorcismo teria uma função de denúncia contra o império.

As pessoas designadas como possesas, que usufruem dos exorcismos nesses relatos, podem ser representantes das diversas nações que serão libertadas através da proclamação do evangelho pelos seguidores de Jesus. Nesse caso, a narrativa de um exorcismo teria a função de retratar a necessidade de uma “ultrapassagem de fronteiras” entre o puro e o impuro, a cultura judaica e a gentílica, os judeus e os “gregos”. Significa que a libertação do mal, prometida a Israel pelos profetas, torna-se disponibilizada para os não judeus. Portanto, um exorcismo pode ter função de instrução aos missionários das comunidades pós-pascais, para que passassem de uma fé imatura, de um deslumbramento em relação ao triunfo contra satanás, à maturidade da fé que exige uma luta constante contra o mal o qual se manifesta nas formas mais sutis. O fracasso de um exorcismo tem a função de mostrar que os demônios podem ser bem diferentes do que se pensa. Por fim, os relatos de exorcismos são como as “pragas” do Egito, apontam para uma nova realidade de libertação, para a plenitude dos tempos, para o reino escatológico, que já está presente, mas ainda não é definitivo.

### Bibliografia

- BARBAGLIO, Giuseppe et al. *Os Evangelhos*, I. São Paulo: Loyola, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Jesus, hebreu da Galileia*: pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*, III: Evangelhos e Atos, Cartas e Apocalipse. São Paulo: Loyola, 3. ed., 2001.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- DUNN, James D.G. *Jesús y el Espíritu*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1981.
- GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.
- HORSLEY, Richard A. *Jesus e a espiral da violência*: resistência judaica popular na Palestina romana. São Paulo: Paulus, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Paulo e o império*: religião e poder na sociedade imperial romana. São Paulo: Paulus, 2004.

SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997.

TILLESSE, Caetano Minette. Jesus, Adão celeste escatológico nos quatro evangelhos. In: *Revista Bíblica Brasileira*, ano 22, número especial, 2005.

*Aíla L. Pinheiro de Andrade*  
Rua Dona Mendinha, 315  
60337-385 Fortaleza, CE  
E-mail: ailapinheiro@bol.com.br

*Davi Daniel Barbosa*  
Av. Beira Rio, 1035, apto. 1701  
50610-100 Recife, PE  
E-mail: davidaniel.123@gmail.com